## Entrevista com a Prof.ª Idalena Oliveira Chaves "Português como língua de herança: contexto de ensino, desenvolvimento de materiais didáticos e formação docente"

## Rafaela Pascoal Coelho\*

Idalena Oliveira Chaves é Professora Adjunta do Departamento de Letras da UFV. Doutora em Linguística teórica e descritiva, mestre em Estudos Linguísticos e graduada em Letras pela UFMG. Pesquisa atualmente sobre a aprendizagem de Português como Língua de Herança (PLH) e aquisição da língua portuguesa não materna e sobre o uso das mídias digitais no ensino de PLE. Atualmente é presidente da Associação Mineira de Professores de Português como Língua Estrangeira (AMPPLIE).

A entrevista a seguir fez parte de uma atividade da disciplina Português como Língua Estrangeira ofertada a estudantes do Curso de Letras do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), no 2º semestre de 2020. Na oportunidade, a professora Idalena Oliveira Chaves foi convidada a participar de um encontro temático sobre o contexto de ensino de português como língua de herança, quando gentilmente concedeu a entrevista à professora Rafaela Pascoal Coelho.

<sup>\*</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG. Mestra em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG. Especialista em Inspeção Escolar pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras. Graduada em Letras/Lingua Portuguesa pela Pontificia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Atua com ensino, pesquisa, avaliação, elaboração de materiais didáticos e formação docente em diversos contextos de atuação na área de Português como Língua Adicional.

**Rafaela Pascoal:** O que a levou a pesquisar sobre português como língua de herança?

Idalena Chaves: Decidi pesquisar PLH por causa de uma experiência que tive fora do Brasil. Eu me mudei com minha família para a Coreia do Sul quando meu filho tinha nove anos e, apesar da intenção de voltar ao Brasil um dia, não tínhamos expectativa de que acontecesse rápido, achamos que a estada duraria mais tempo. Como fui a trabalho, a ideia era ficar por dois anos e depois renovar o acordo por mais dois; porém, por mudança de planos, retornamos antes do previsto. Por incrível que pareça, a maior parte dos artigos que você lê sobre língua de herança, ou dos relatos que você escuta, partem de pessoas que querem que os filhos mantenham a língua dos pais. Sempre escutei esses relatos e comigo não foi diferente. Quando fomos para o exterior, levei muitos livros didáticos do Brasil, livros que meu filho usava na escola, como o de português, de matemática, de geografia e de história. Quando chegamos, ele foi matriculado em uma escola coreana e lá estudava história e geografia relacionadas com a Coreia do Sul e também a língua coreana. Apesar de matemática e ciências serem conteúdos mais universais, tive o cuidado de matricular meu filho em aulas de reforço de matemática, fato que é muito comum no país, já que a maior parte das crianças coreanas faz aulas de reforço, de matemática principalmente. Com ele, a língua portuguesa era trabalhada em casa, mas não era uma atividade constante. Foi aí que comecei a investigar sobre o ensino de português para crianças e tive contato com PLH.

Apesar de trabalhar com Português como Língua Estrangeira há muitos anos, até então eu não conhecia o termo PLH. Comecei a ler e pesquisar a respeito, foi então que vi que existiam muitas iniciativas pelo mundo, principalmente de mães da Virgínia, nos Estados Unidos, e conheci o trabalho fantástico da Ana Lúcia Lico, na Associação Brasileira de Cultura e Educação. O público-alvo do ensino de Português como Língua de Herança, PLH ou POLH, como utilizam na Europa, são filhos de brasileiros residentes no exterior que nasceram ou foram para outro país ainda crianças e passam a aprender ou desenvolver a língua dos pais ou dos avós. Em geral, o português é ensinado a partir de um desejo dos pais de manterem com os filhos a comunicação em sua língua materna. Alguns países têm escolas que oferecem aulas das línguas de imigrantes, como na França e na Alemanha, entre outros, mas a maior parte das iniciativas surge de famílias que se organizam e montam turmas. Às vezes, as aulas ocorrem em espaços cedidos, seja por igrejas ou por associações criadas pela comunidade migrante. Então comecei a entrar em contato com as famílias brasileiras que moravam na Coreia na época e saber das mães e pais que tinham filhos pequenos se havia alguma iniciativa afim. Para minha surpresa, percebi que havia muitas mães que estavam lá, casadas com coreanos, cujos filhos nasceram lá, e que não tinham interesse que os filhos aprendessem português. A maioria dessas crianças estudava em escolas americanas, pois os pais preferiam que os filhos tivessem uma base de inglês. Às vezes, a família nem se comunicava em português em casa. Também encontrei casos de mães que achavam que falar português com o filho poderia atrapalhar seu desempenho na escola. Em situações como as

relatadas, às vezes, eu argumentava: e se eles quiserem morar no Brasil quando adultos? E se você voltar para o Brasil, como é que vai ser quando eles tiverem que frequentar a escola? Essa era uma preocupação que eu tinha com meu filho.

Em um dado momento, conheci, na Coreia do Sul, uma professora brasileira, pernambucana, muito engajada com a cultura brasileira, muito atuante na Embaixada do Brasil em Seul. Ela estava morando lá, era casada com um alemão, e eles tinham três filhos. Ela falava em português com as crianças, e as crianças falavam em alemão com o pai, além de estudarem em uma escola alemã. Eles não falavam português, mas entendiam bem a mãe. Pensamos, então, em organizar um curso de português e cultura brasileira para filhos de brasileiros e começamos a procurar, em livrarias, livros em língua portuguesa, mas nunca encontrávamos nada. Foi então que, por uma mudança de planos, tive que voltar ao Brasil. Fui amadurecendo a ideia de criar um material didático on-line que pudesse ficar disponível com livre acesso. Foi assim que, ao chegar na Universidade Federal de Viçosa, criei um grupo de pesquisas, o GRUPPELHE-L2 (Grupo de Pesquisas em Português como Língua Estrangeira e Línguas de Herança). Reuni alguns alunos interessados e começamos a estudar sobre o assunto. Submeti alguns projetos e assim delineamos o formato do material que resultou no portal Tremelengueplh.

**Rafaela Pascoal:** Como foi o processo de desenvolvimento do portal Tremelengueplh<sup>1</sup>?

**Idalena Chaves:** O Tremelengueplh é um portal com atividades multidisciplinares direcionadas para crianças em fase de

<sup>1</sup> Portal Tremelengueplh: http://www.tremelengueplh.ufv.br/.

alfabetização aprenderem o português do Brasil como língua de herança. O conteúdo foi pensado em consonância com a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) brasileira. É um espaço gratuito, desenvolvido na Universidade Federal de Viçosa, como fruto de uma parceria entre o Departamento de Letras e a Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância (Cead). O portal ainda está em desenvolvimento, porque a sua produção se dá através de projetos de extensão, como o mais recente que coordenei e teve a duração de dois anos. Depois do lançamento do portal, apresentei o projeto em alguns congressos, inclusive em um que aconteceu antes da pandemia de Covid-19, nos Estados Unidos, mas, agora, mesmo remotamente, pretendemos continuar produzindo e atualizando.

O material é composto atualmente por 14 unidades didáticas, que levam o nome de animais, e as unidades se organizam em torno de canções compostas sobre eles. As músicas foram criadas por um grupo de Belo Horizonte, que tem o nome Tremelengue e cedeu nome e músicas para utilização no portal. Como integrante do grupo, há a Silvia Couto, que é pedagoga, foi professora do meu filho e trabalhou com esse projeto musical em uma escola de educação infantil de Belo Horizonte. Resolvemos juntar nossos conhecimentos nesse projeto, já que a pesquisa que desenvolvi durante o mestrado tratou sobre a aquisição da linguagem, sobre como as crianças escrevem, e ela também tem ampla experiência em alfabetização e conhece as dificuldades mais comuns durante esse processo. Ela e o marido, Saulo Fergo, que é artista plástico e músico, criaram as 14 canções que serviram como base para as unidades didáticas desenvolvidas para o portal. Todo o material foi pensado

para facilitar a aprendizagem e o desenvolvimento da leitura e da escrita em língua portuguesa, levando em consideração as possíveis dificuldades ortográficas apresentadas pelas crianças.

O material didático foi concebido a partir de uma perspectiva multidisciplinar, em que se pudesse envolver a língua portuguesa, matemática, ciências, geografia e história. A ideia é que o portal ofereça atividades para desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, com a disponibilização de atividades que podem ser baixadas ou feitas *on-line*. A parte que se preocupa com o desenvolvimento da compreensão oral, por sua vez, propõe que as crianças ouçam áudios curtos e assistam a vídeos, ambos em língua portuguesa, que tratam do animal homenageado na aula. Por exemplo, na unidade do cachorro, há fotos de cachorros de várias raças, curiosidades e vídeos sobre esse animal, além de um conjunto de atividades linguísticas.

**Rafaela Pascoal:** Quais foram os maiores desafios enfrentados na proposição do portal Tremelengueplh?

Idalena Chaves: Às vezes, nos deparamos com alguns impasses. A ideia do portal surgiu como um espaço para a família, mas ainda não tenho muito o retorno do acesso pelas famílias, principalmente as que vivem fora do Brasil. Como a divulgação do portal aconteceu em congressos, tive mais acesso a professores e não a famílias que vivem no exterior. Então, um dos desafios agora é o de fazer um trabalho que incentive as famílias a explorar o material.

Outra questão relevante é que dependemos de processos burocráticos para a manutenção do trabalho, como a contratação de bolsistas e a disponibilidade para formatação dos materiais dentro da universidade. A constante atualização do portal depende da contratação permanente de uma pessoa que fique responsável por ele, colaborando com a elaboração e disponibilização das atividades. A Cead presta um apoio muito importante, mas é preciso reconhecer que a coordenadoria tem outras demandas da universidade, o que é compreensível, principalmente neste período tão conturbado de ensino remoto devido à pandemia de Covid-19. Esses detalhes acabam dificultando a produção do material final a ser disponibilizado, o que impede que o portal seja atualizado com a frequência que gostaríamos.

Como último desafio, infelizmente, a falta de recursos acaba impedindo o desenvolvimento de um portal mais dinâmico. Conseguir um patrocínio para o portal seria fundamental para o desenvolvimento de atividades mais interativas, como jogos e interfaces animadas. Pensando nas condições atuais, a alternativa que encontramos foi disponibilizar no portal *links* de parceiros e materiais gratuitos que podem ser relevantes para as crianças, como o **Escola Games**, além de alguns periódicos que circulam no Brasil, como a revista **Ciência Hoje das crianças**, a revista **Recreio** e a **Folhinha de São Paulo** *on-line*.

**Rafaela Pascoal:** Como você vê, mundo afora, a oferta de materiais didáticos elaborados para o ensino de língua portuguesa a esse público?

**Idalena Chaves:** Encontrar material didático para o ensino de PLH é um grande desafio que os professores enfrentam no exterior, já que não há muitas publicações para esse fim circulando no mundo, ainda mais quando se espera que atenda a diversos fins de aprendizagem. Mas ressalto que isso também

está mudando, atualmente; há muitas pessoas empenhadas na elaboração de material didático para o ensino de PLH e para a formação de professores, como a Felicia Jennings, dos Estados Unidos, que produz material didático e ainda promove formação de professores. Mas ter acesso a um material de qualidade para trabalhar com crianças ainda é uma dificuldade em muitos países, já que os poucos disponíveis *on-line* são, em sua maioria, muito caros.

**Rafaela Pascoal:** Quais outras dificuldades você imagina que um professor possa enfrentar atuando nesse contexto?

**Idalena Chaves:** Os desafios mais relatados pelos professores estão relacionados à heterogeneidade das turmas. Geralmente, os grupos são compostos por crianças de várias idades, o que torna difícil a formação de turmas homogêneas, já que as crianças apresentam conhecimentos diferentes sobre a língua e interesses diferentes em decorrência da idade.

Alguns chegam a relatar também uma certa dificuldade em lidar com as expectativas das famílias, já que há interesses diferentes em relação ao PLH. Alguns pais, por exemplo, querem que os filhos aprendam a língua portuguesa como os estudantes aprendem em escolas de Educação Básica no Brasil, inclusive exigindo dos professores o trabalho com os mesmos conteúdos. Outros pais desejam apenas que os filhos tenham contato com aspectos da cultura brasileira para conhecer usos e costumes do país e praticar a língua.

Essas são em geral as grandes dificuldades que os professores enfrentam: como lidar com a heterogeneidade das turmas e com as expectativas das famílias, além da escassez de oportunidades de formação docente, é claro.

**Rafaela Pascoal:** O que se espera de uma formação que prepare o professor para atuar no contexto de PLH?

Idalena Chaves: Acredito que a formação depende muito da finalidade do ensino, ou seja, do que a família busca. Se há um interesse em que a criança aprenda português, é importante pensar também sobre a finalidade desse ensino. Por exemplo, há famílias que só têm a intenção de manter o português na modalidade oral para que a criança converse com seus familiares, mas não há a intenção de um retorno para o Brasil. Outras famílias têm a expectativa de regressar, então se preocupam com uma aprendizagem que considere aspectos formais como os ministrados nas escolas brasileiras para que o retorno ao Brasil não seja tão impactante para a criança. Isso depende de muitos fatores, como a situação em que a família se encontra no país de imigração e o que o país pode oferecer em relação ao ensino. Nesse sentido, o professor precisa ter uma formação que se adapte às necessidades de cada aluno. A linha que eu sigo para o trabalho com PLH está muito relacionada à preparação da criança para um possível retorno às escolas brasileiras. Eu sempre penso nisso porque foi a experiência que eu tive, então, a minha expectativa é que o professor tenha a formação para poder ensinar também nesses moldes.

O que se vê hoje, pelas publicações da área, é que existe uma preocupação muito grande com a formação dos professores que investem no ensino de PLH fora do país. Várias contribuições de profissionais engajados surgem nesse contexto, como o trabalho da Ivian Destro, que é pedagoga e dedica-se ao ensino e à formulação de um currículo em Línguas de Herança nos Estados

Unidos; a Felicia Jennings, que já citei anteriormente, que atua em Nova York, nos Estados Unidos, muito conhecida pelo trabalho que faz com a formação de professores de PLH; a Kátia Abreu, que atua na Itália e é doutora em Estudos Linguísticos e Interculturais; a Camila Lira, na Alemanha, que faz um trabalho incrível com alfabetização e letramento; e a Juliana Gomes, que tem uma atuação de destaque na Espanha.

O professor de PLH precisa saber lidar com situações específicas de sala de aula, claro, como ter conhecimentos sobre a aquisição da linguagem para fazer as intervenções adequadas sem inibir a criança, sem fazer com que ela tenha preferência pela língua de uso e não pela língua dos pais. Escutei muitos relatos sobre barreiras causadas nas crianças como resultado de situações de constrangimento no uso da língua, então o professor precisa se esforçar para que o estudante compreenda a importância das duas (ou mais) línguas com as quais convive. Portanto, além de conhecer sobre a linguagem e o desenvolvimento infantil, conhecimentos esses que os cursos de Pedagogia e Letras oferecem, espera-se que o professor seja sensível às necessidades do contexto de atuação, dedicando-se com paixão ao que os processos de ensino exigem.

**Rafaela Pascoal:** Quais sugestões você daria para um professor que pretende atuar no contexto de PLH?

**Idalena Chaves:** Eu sempre falo para os meus alunos, nos meus cursos de formação de professores, que, para atuar na área de PLH, é importante ter uma formação adequada, principalmente para trabalhar com crianças de idades diferentes. Preparar-se para atuar em um contexto heterogêneo é fundamental, já que

a experiência com a língua portuguesa vai variar de criança para criança. Também acho importante que haja, por parte do professor, um entendimento de que o contexto de ensino de PLH não envolve só a criança, mas também as famílias, e será preciso lidar com expectativas de ambos, portanto, ter uma formação na área de ensino é muito importante nesse sentido. Ou seja, o professor precisa ter conhecimento necessário para compreender a área de PLH e atender suas especificidades e assim poder planejar adequadamente o seu trabalho.

Recebido em: 04/03/2021//Aceito em 26/04/2021.